

O que levava
gente de tão
longe a ajudar
aquela
garotinha?

O dom de Elisabeta

POR LAWRENCE ELLIOTT





Ela entrou na vida de David McGuire num dia de verão, quando ele acabava de distribuir pães às crianças ciganas em Soars, na Romênia. Uma mulher franzina se aproximou timidamente, levando um bebê enrolado num cobertor.

– Por favor, o senhor pode rezar para que Deus cure minha filhinha, que nasceu cega? – pediu ela.

McGuire, um inglês ruivo e robusto, era um telhador, não um padre. E, embora tivesse muita fé, ele se perguntou se considerar-se o instrumento de Deus não seria enganar aquela mulher.

Mas segurou a menina, cujos olhos castanhos enevoados, mesmo sem ver, pareceram se fixar nos dele. Comovido, ele respondeu, num romeno vacilante:

– Vou rezar para que Deus cure seu bebê.

O NOME DELA era Elisabeta Abraham, nascida em março de 1998, a quarta criança de uma família cigana que vivia numa cabana de barro com chão de terra. A mãe, Elvira, mulher miúda que conhecera o pai de Elisabeta aos 15 anos, tinha uma pequena horta e o minúsculo auxílio governamental recebido pela filha deficiente para alimentar seis pessoas. O pai estava desempregado havia um ano.

Elvira jamais deixou de ter esperança de que a menina viesse a enxergar um dia. As preces de um estrangeiro, porém, foram o primeiro sinal de que outra pessoa compartilhava desse sentimento.

McGuire foi criado com simplicidade numa cidade perto de Manchester, escapando por um triz de uma juventude de arruaças. No entanto, amparado por uma fé recém-descoberta, tornou-se telhador e prosperou.

Mas o sucesso profissional não o deixou completamente satisfeito. Com quase 30 anos, queria algo diferente, algo melhor. A ida à Romênia para distribuir brinquedos às crianças pobres foi um momento decisivo em sua vida. Mais tarde, voltou para ajudar a reformar um hospital em Sighisoara e foi ficando, construindo casas para os ciganos no campo.

A prece de McGuire por Elisabeta foi outro momento determinante. Ele passou a visitar Soars regularmente, envolvendo-se cada vez mais com a garotinha. Ela era carinhosa e

expansiva; ele a fazia rir. Elisabeta imitava o sotaque dele, de Manchester. Sua primeira palavra em inglês foi “David”.

Um dia, no verão de 2000, um pastor de Belfast chamado Norman Patterson chegou a Sighisoara com um caminhão carregado de comida. McGuire contou-lhe sobre a garotinha cega e sua prece não atendida. Os dois foram a Soars, onde Elvira mais uma vez pediu a McGuire que rezasse por Elisabeta.

David pegou a menina.

– Senhor, tenha misericórdia desta criança inocente e deixe que ela veja Seu mundo tão lindo – rezou ele.

A intensidade daquelas palavras emocionou os habitantes, mas o momento passou. Ele levantou Elisabeta para devolvê-la à mãe.

– Espere! – exclamou Patterson. – Vire o rosto dela para o sol de novo.

Quando McGuire o fez, Elisabeta apertou os olhos e os desviou, escondendo o rosto em sua camisa.

– Ela está vendo a luz – disse o pastor. – Acho que é possível ajudar esta criança, David!

NUM HOSPITAL da cidade, um oftalmologista explicou que a menina tinha catarata, mas que seu olho direito poderia ser curado.

McGuire conseguiu as 60 libras para a operação, mas, quando os curativos foram retirados, ficou evi-

dente que Elisabeta não estava enxergando nada. McGuire sentiu-se atordoado.

– O senhor nos disse que ela ia enxergar – protestou com o cirurgião.

A resposta do médico foi ainda mais surpreendente.

– Bom, é impossível saber o que vai acontecer com os ciganos. Eles têm fraquezas congênitas.

Naquele inverno, McGuire foi com menos frequência a Soars. Um dia, viu Elisabeta esbarrar nos móveis enquanto aprendia a andar e, deprimido, saiu correndo da casa.

Mas não conseguiu se manter afastado. Elisabeta ficava feliz quando ouvia sua voz – “David! David!”, ela chamava. Como ele poderia deixar morrer a esperança?

Assim, quando em abril um oftalmologista americano foi dar consultas em Sighisoara, McGuire, Elvira e Elisabeta estavam entre os que o aguardavam.

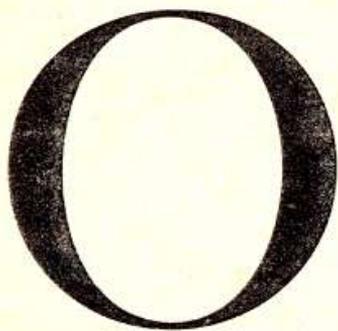
“Não parece muito promissor”, concluiu o Dr. James Ogden. Normalmente, o interior da catarata infantil é tão mole que se liquidifica com facilidade sob uma sonda de ultra-som. Mas a que havia no olho direito de Elisabeta estava calcificada e muito dura. E Ogden jamais vira um olho tão desfigurado, por causa das cicatrizes decorrentes da operação malsucedida.

O médico falava tendo a menina de 2 anos sentada em seus joelhos, os olhos cegos voltados para a direção de onde vinha sua voz. Ogden a observava, detestando a idéia de aquela

criança crescer na escuridão eterna.

Impulsivamente, ele abriu o olho esquerdo da menina e passou a luz da lanterna pelas bordas da catarata. Elisabeta se encolheu: a luz estava chegando à retina.

“Pode haver potencial para visão no olho esquerdo”, disse Ogden. E acrescentou com cautela: “Mas seria preciso um cirurgião excepcional e os melhores equipamentos.”



OGDEN TRATOU de dezenas de pacientes na Romênia, mas não conseguia se livrar da lembrança da cig

ninha. Quando voltou para casa, no Estado de Washington, conversou com um colega optometrista que o colocou em contato com o Dr. Paul Shenk, especialista em cirurgia de catarata infantil. Ogden perguntou se Shenk operaria Elisabeta abrindo mão dos honorários. A resposta veio sem hesitação: sim.

Depois que Ogden mandou a notícia por *e-mail*, McGuire renovou suas esperanças. Ia precisar de dinheiro para comprar três passagens de avião, a fim de levar Elvira e Elisabeta aos Estados Unidos. Também precisariam de um lugar para ficar. Mas ele acreditava que a ajuda apareceria, o que de fato aconteceu.

McGuire levava para Soars um ajudante, um estudante americano chamado Brian Clemmer. Este já ouvira falar de Elisabeta, mas ficou en-

cantado quando McGuire o apresentou à menina. Ela não era triste ou assustada como ele imaginara; havia felicidade e amor brilhando naqueles olhos cegos.

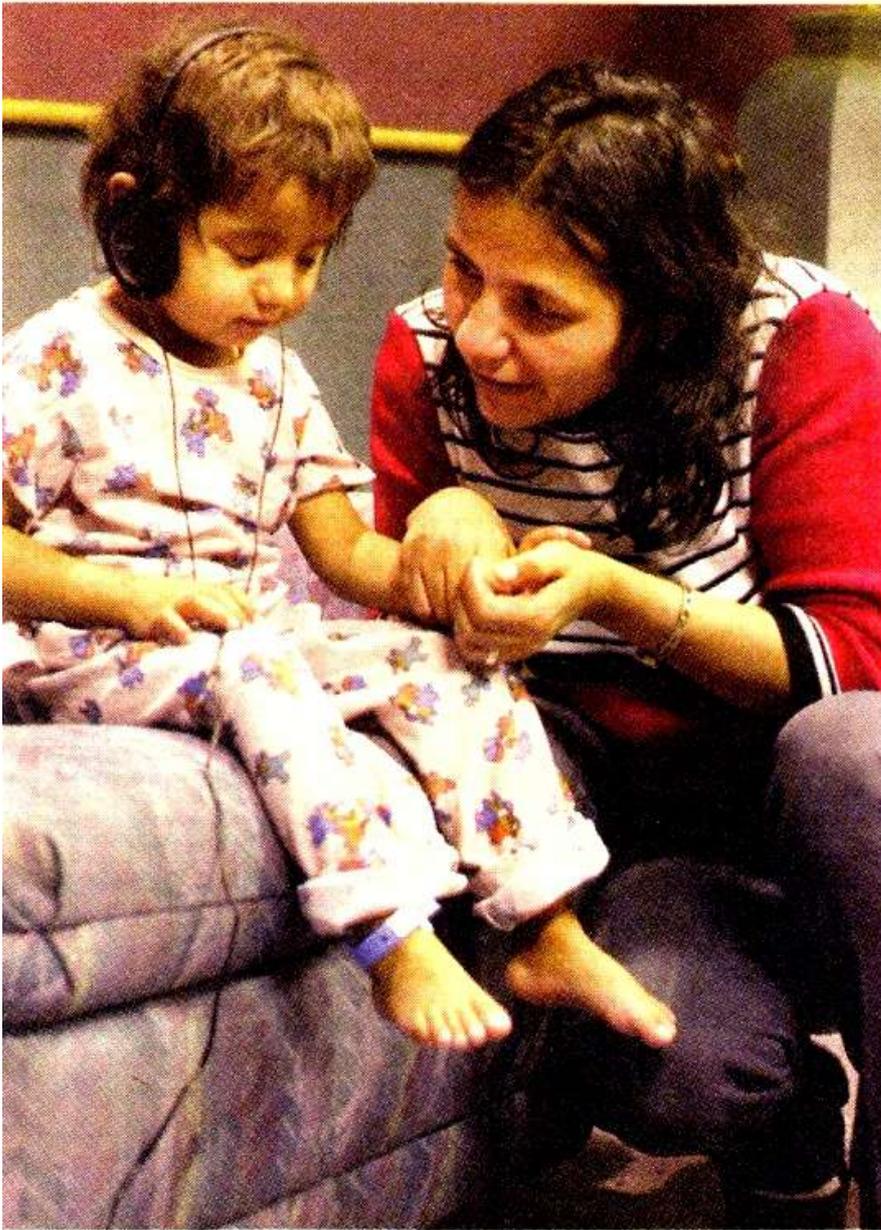
Clemmer pensou: *Talvez ela ainda não entenda que é cega*. E seu pensamento seguinte foi que faria tudo para impedir que ela descobrisse isso.

Os pais de Clemmer moravam no Estado de Washington, não muito longe do Dr. Shenk, e se ofereceram para hospedar David, Elvira e Elisabeta. Depois Clemmer soube que o KidCares – um programa da Northwest Airlines para crianças necessitadas de tratamento médico – daria as passagens para mãe e filha.

Uma semana antes do Natal, os três decolaram.

“ELISABETA, vou colocar esta luz no seu olho agora, está bem?”, disse o Dr. Shenk ao começar a examiná-la em seu consultório, explicando-lhe cada passo. Logo a menina começou a falar com ele, embora nenhum dos dois entendesse uma palavra do que o outro dizia.

Dois dias depois, levada por uma enfermeira, Elisabeta seguiu a voz do médico até a sala de operações do Southwest Washington Medical Center. Enquanto a menina dormia, graças à anestesia geral, Shenk iniciou o delicado processo de fragmentar o núcleo da catarata. Operando através de um microscópio, ele fez uma pequena incisão circular na superfície e aplicou uma sonda de ultra-som na catarata. Sob o im-



Elvira Abraham conversa com Elisabeta, pouco antes da cirurgia nos Estados Unidos.

pacto de 40 mil vibrações por segundo, o núcleo amoleceu e se fragmentou. Shenk apertou um botão e os pequenos pedaços desapareceram no sistema de sucção da sonda. Logo, o olho estava livre da catarata.

Shenk pingou um lubrificante no olho de Elisabeta e implantou a lente plástica. Com uma agulha finíssima, suturou a incisão.

Na manhã seguinte, eles retiraram o pequeno curativo do olho esquerdo da menina e Shenk passou uma

luz à sua frente. O olho se moveu da esquerda para a direita, seguindo a luz.

- Parece que está tudo bem - disse ele a Elvira.

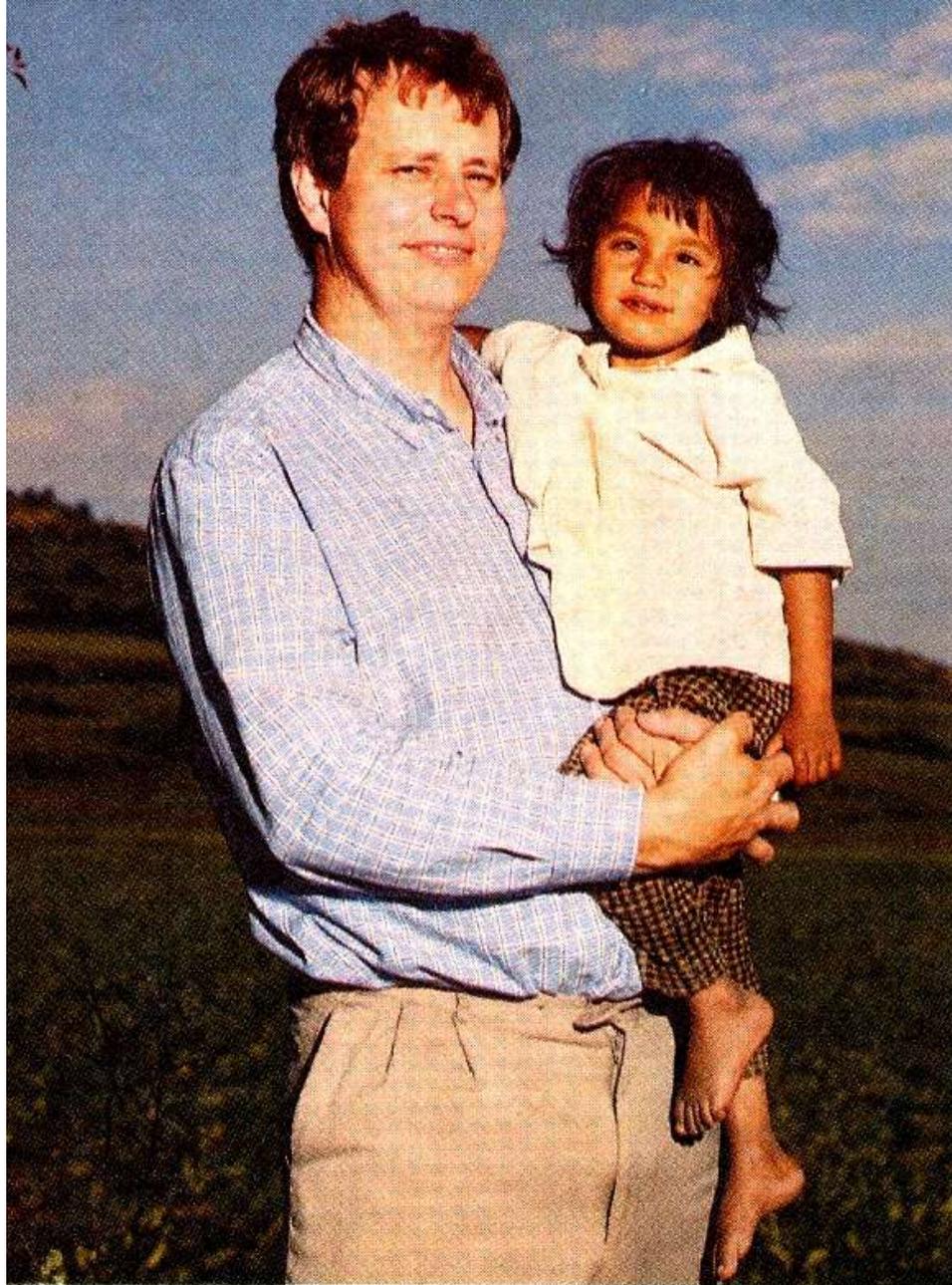
Ao ser posta no chão, Elisabeta começou a andar, sem estender as mãos para se proteger, na direção das luzes de Natal que estavam na mesa de Shenk. Um olhar maravilhado iluminou seu rosto.

EMBORA FOSSEM pequenas as chances de uma cirurgia no olho direito de Elisabeta ter sucesso, era agora ou nunca. Quando a luz que chega ao olho de um bebê não vai até o cérebro, a função cerebral que transforma a luz em imagens permanece “desligada”. Com o tempo, não pode mais ser ligada.

Shenk perguntou-se o que faria se a menina fosse sua filha; a resposta o levou ao

Dr. Richard Dreyer, especialista em retina, que concordou com a cirurgia. Trabalhando por trás da íris com um instrumento diminuto, Dreyer abriu um túnel através da pele cicatrizada e fibrosa até chegar à catarata. Fez um orifício com uma perfuradora em miniatura, raspando a pele cicatrizada a fim de abrir caminho para que a luz alcançasse a retina.

Era impossível fazer mais. Mas haviam conseguido dar a Elisabeta um pouco de visão no olho direito -



De volta à Romênia, Elisabeta com o amigo, David McGuire.

e uma reserva caso algo acontecesse com o esquerdo.

DAVID MCGUIRE ficou observando Elisabeta no avião que os levou de volta à Romênia. Estava perplexo com a transformação. A criança outrora insegura estava correndo para espiar em todas as janelas, como se

não se cansasse de ver aquele mundo novo e fantástico. Maravilhada com o milagre, Elvira mal conseguia expressar sua gratidão a todos que haviam ajudado Elisabeta a enxergar. “Muito obrigada” tornaram-se suas palavras mais veementes.

Quando se formar, Brian Clemmer quer voltar a Sighisoara para trabalhar com McGuire e talvez ser professor. Foi com lágrimas nos olhos que o Dr. Shenk se despediu de Elisabeta.

Quando o Dr. James Ogden voltou a Sighisoara, em abril de 2002, para outras consultas, achou que a acuidade visual de Elisabeta estava boa e que, usando óculos, ela seria capaz de enxergar

bem o suficiente para ler. Ao chegar em casa, o médico tratou de lhe enviar diversos pares.

O que há na cigarinha que emociona tantos? É simplesmente a compaixão que existe em todos os corações humanos. Poucas pessoas recebem o poder de acioná-la. E esse é o dom de Elisabeta.

OFERTA IMPERDÍVEL

Em uma página de empregos na Internet: “Salário: \$ 0,00 (ou mais, dependendo da experiência).”

ALEXANDRA DUFRESNE, Canadá